

A MÁQUINA DO CAPITAL: é possível associá-la ao desenvolvimento sustentável?

Thayane Rodrigues Guedes¹, Thayse Ariane Pereira de Souza¹, Emanuella de Castro Marcolino¹, Sarah Carneiro Mendonça², Waleska Suany da Silva¹

¹Universidade Estadual da Paraíba

²Universidade Federal da Paraíba

thayanne_rodrigues@hotmail.com

Resumo – A exploração extrema dos recursos naturais coloca em risco as condições de vida na Terra, no grau em que a economia capitalista demanda um nível e tipo de produção e consumo que são ambientalmente insustentáveis. Esse artigo tem como objetivo situar as questões sócio-ambientais de sustentabilidade no contexto da sociedade capitalista. Trata-se de uma revisão de literatura fundamentada em artigos científicos e textos de livros. Para se atingir esse modelo de desenvolvimento sustentável, ou pelo menos chegar perto dele, é preciso ter em mente algumas alternativas que integrem uma mudança de caráter social, econômico e cultural. Como colocado o modo de produção vigente, capitalismo, busca incessantemente o lucro, impondo seu padrão de consumo desmedido para conseguir alcançar o seu objetivo meta, a acumulação. Em suma, embora o projeto de desenvolvimento sustentável seja uma ótima forma de recuperar aquilo que perdemos, é preciso ter em mente que ele só seria viável em uma sociedade que não se utilizasse das leis do capitalismo.

Palavras-chave: Capitalismo, Sustentabilidade, Meio Ambiente.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais

Introdução

O planeta se encontra num estágio avançado de degradação; diante disso, observa-se que não deve ser mantida a lógica prevalecente de aumento constante do consumo, pois se verifica os seus impactos no meio ambiente. Entendemos que se trata de um tema muito amplo, pois as possibilidades de fixar limites são politicamente difíceis de lidar em qualquer parte do planeta.

A exploração extrema dos recursos naturais coloca em risco as condições de vida na Terra, no grau em que a economia capitalista demanda um nível e tipo de produção e consumo que são ambientalmente insustentáveis. O reflexo de toda essa atual situação provoca um efeito, o predatório. Consumir e destruir recursos naturais na procura do crescimento e do lucro virou pré-requisito indispensável para que esse sistema esteja em plena expansão. Marx e Engels (1983) já debatiam os ciclos econômicos do capital no que diz respeito aos bens de produção e de consumo e, fundamentando neles, o capitalismo destrói para voltar a se impulsionar. As guerras e as crises

provocadas servem para alavancar o consumo, a mola propulsora do capitalismo.

É de extrema importância fazer questionamento se há uma sociedade que busca a sustentabilidade realmente como um valor importante em uma sociedade de consumo dominada por enormes organizações. Vale ressaltar que o termo sustentabilidade é utilizado para deliberar ações e atividades humanas que pretendem suprir as necessidades atuais dos seres humanos, sem comprometer o futuro das próximas gerações. Ou seja, a sustentabilidade está diretamente ligada ao desenvolvimento econômico e material sem atacar o meio ambiente, utilizando os recursos naturais de maneira inteligente.

Tendo em vista que o consumo propicia o agravamento dos problemas ambientais existente em uma sociedade capitalista cujo principal foco é envolver os sujeitos inicialmente enquanto consumidores, pois conduz-se os indivíduos mais pela sedução e desejos voláteis, dos quais se movem as marcas e os símbolos com uma precipitação quase perceptível nas relações sociais, do que na construção de laços com nossos semelhantes (BAUMAN, 2001).

A relação dos pontos de vista dos estudos de Bauman (2001) e de Baudrillard (1995) auxiliam no entendimento de um discurso de desenvolvimento sustentável, ajustadas nas questões de transformação dos padrões de produção e de consumo se desenvolvem com um aparente pano de fundo de inquietação com o “futuro do planeta”, mas estabelecido sob as mesmas estruturas dinamizantes do atual padrão de sociedade de consumo (OLIVEIRA e VIEIRA, 2008).

Sob esta perspectiva a interconexão consumo/sustentabilidade nos remete ao entendimento de como o movimento pela reorganização dos modos de produção para a sustentabilidade local e global, sob a face brasileira, tem intrinsecamente a sustentação das atuais estruturas sociais.

Esse artigo tem como objetivo situar as questões sócio-ambientais de sustentabilidade no contexto da sociedade capitalista. Que nos dias atuais, prega uma contraditória sustentabilidade, pois em uma sociedade cuja finalidade é fazer com que a população consuma cada vez mais, torna-se difícil acreditar que essa sustentabilidade deva existir, sendo assim, procuramos historicizar, para assim compreender e refletir sobre o mundo no qual vem prevalecendo a degradação do meio ambiente, comum único fim, a acumulação do capital.

Metodologia

Trata-se de uma revisão de literatura fundamentada em artigos científicos e textos de livros, onde se buscou embasamento crítico-teórico sobre as questões do capitalismo como sistema regente do consumo e suas implicações na busca da sustentabilidade.

A revisão de literatura ultrapassa a mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, proporciona o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, permitindo a construção de conclusões inovadoras (MARCONI & LOKATOS, 2008).

Resultados

O discurso acerca da destruição do meio ambiente e da vida humana não é recente. Já nos anos 60 se falava em como o modo de produção capitalista agrava os problemas ambientais, e conseqüentemente, acarreta impactos na vida social. Esse discurso só ganhou centralidade agora, tendo em vista as atuais condições em que o planeta se encontra. Assim, um tema que outrora, na

década de 60, foi tido como utópico, hoje aparece como centro das discussões de todo o mundo.

Para se entender o que ocorre atualmente, é inevitável uma volta ao passado para perceber quando essa destruição começou. O capitalismo e a industrialização geraram impactos ambientais e sociais em uma intensidade que até então o mundo desconhecia. A busca incessante pelo lucro e pelas matérias-primas gerou uma onda de destruição e degradação que não atingiu apenas o meio ambiente, mas a própria humanidade.

Assim, além de impactos ambientais como a poluição gerada pelas fábricas, ocorreram impactos no modo de vida da população, que acompanhando a crescente industrialização entrou em um processo de urbanização das cidades. Uma urbanização sem qualquer planejamento, onde havia a concentração das pessoas em pequenos espaços. Esse estilo de vida levou a uma série de doenças, uma vez que não havia qualquer tipo de saneamento nos conglomerados urbanos onde viviam a população.

Dessa forma, é possível perceber a herança que nos foi deixada. O problema das favelas e da exclusão social decorre desse processo histórico do capitalismo e se fundem nas agressões ambientais, assim é preciso estudá-las intrinsecamente.

Atualmente se fala muito em se adotar um modelo de desenvolvimento sustentável capaz de reverter a situação agravante em que estamos inseridos. Muito se fala que para ocorrer esse desenvolvimento sustentável é preciso se avaliar o atual modelo econômico (capitalismo) que rege a uma sociedade do consumo e da inconseqüência; uma vez que, a atual sociedade consome ilimitadamente, e desse modo, necessita de fontes primárias que possam transformar na tão almejada mercadoria. Sendo assim, a sociedade não se dá conta de que precisa repor as matérias-primas e de a mesma necessita de um espaço de tempo para se desenvolver novamente.

O conceito de desenvolvimento sustentável afirma que é preciso encontrar uma nova maneira da sociedade se relacionar com o meio ambiente, para assim garantir sua continuidade e a de seu meio externo, ou seja, prega um tipo de desenvolvimento que garanta a qualidade de vida da geração atual, e conseqüentemente, da geração futura, sendo que para isso seja preciso acabar com a destruição do meio ambiente.

Segundo Pérez (2007), o modelo de desenvolvimento sustentável deve ser

fundamentado a partir de conceitos como solidariedade intergeracional e intraterritorial; otimização do aproveitamento dos recursos naturais; produção limpa; internalização dos custos ambientais e de valores como: respeito por todo ser vivo, respeito à natureza, equidade, austeridade e sobriedade, solidariedade, co-responsabilidade individual e coletiva. Para se atingir esse modelo de desenvolvimento sustentável, ou pelo menos chegar perto dele, é preciso ter em mente algumas alternativas que integrem uma mudança de caráter social, econômico e cultural.

Com relação ao social, é preciso orientar a população para o que está acontecendo. A importância de integrar o social nesta luta ambiental se dar pelo fato de ambas, como já foi dito, estarem interligadas, portanto, os dramas das populações (doenças, exclusão, pobreza) fundam-se nos dramas do meio ambiente. Assim, é preciso criar nas pessoas uma atitude crítica para mudar. Essa mudança pode ocorrer com a Educação Ambiental, que é uma resposta de como formar uma atitude ecológica nas pessoas. De acordo com o Art.1º da Lei nº 9.795 de abril de 1999, que estabelece a Política Nacional de Educação Ambiental compreende-se por Educação Ambiental os mecanismos através dos quais o indivíduo e o coletivo constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências com a finalidade de conservar o meio ambiente, bem de uso do povo, essencial à sadia qualidade de vida e a sustentabilidade.

Tais alternativas estão pautadas na “diminuição” dos estragos e danos causados ao meio ambiente e a sociedade. Políticas são criadas para assegurar que não se extingam os poucos recursos que restantes e orientar as pessoas, empresas, indústrias, acerca dos fatores que ferem a vida. Então, as alternativas que possam vir a diminuir os efeitos da destruição ambiental e social, são alternativas há longo prazo que buscam acordos com os países poluidores uma forma de renovação do ambiente, e que sejam criadas políticas de reciclagem e reutilização de recursos.

Outra modificação que pode ocorrer é a mudança cultural, que possibilitaria uma revisão de princípios e valores adotados com o processo de produção capitalista, e assim mudar a cultura do consumo, a cultura da marca, da moda, enfim, entrar em um processo de “aculturação” onde pode-se seguir o que se pensa, ao invés de seguir aquilo que é imposto pela mídia sensacionalista, pelas capas de revistas, pela

rica burguesia, entre tantos. Assim, seria uma possibilidade de reaver conceitos, mas é claro que isso atingiria o grande capital, e esse é um grande desafio enfrentado para se ter um modelo sustentável, o desafio de conciliar crescimento econômico com preservação ambiental, ou com a mudança de pensamento proposta.

Ao mesmo tempo em que aparecem alternativas, pessoas, grupos, enfim, os parceiros do ecológico, também aparecem aqueles que querem tirar vantagem desse tema que hoje em dia é tão difundido e debatido. A temática é absorvida pelo mercado do marketing e o que deveria ser uma coisa séria, acabou se tornando uma ótima forma de aumentar a lucratividade de quem se utiliza da “marca verde”. Assim, diante dos problemas enfrentados pela sociedade e pelo meio ambiente, surge a necessidade do capital se tornar um “defensor”, um “amigo” do planeta, e isso lhe caiu muito bem. Hoje, se fala muito em empresa solidária, empresa social, trabalho social na empresa, assim o que ocorre é uma verdadeira “filantropia empresarial” onde se busca melhorar a imagem da empresa, além de ampliar as vendas, já que atrai os consumidores com um discurso de que comprando um produto salvará uma árvore ou ajudará a alfabetizar uma criança. Trata-se de inserir o social e o ambiental nas estratégias de marketing.

Em outras palavras, “o “mote” da solidariedade humana, da preservação da natureza para o desenvolvimento auto-sustentado” (IAMAMOTO, 2007, p.129), assim como as agendas para a redução da pobreza e exclusão tornaram-se mecanismos de atribuição de respeitabilidade e legitimidade social as empresas o que estimula o alto nível de rentabilidade.

Discussão

Inicialmente, faz-se um breve apanhado sobre alguns elementos constitutivos e constituintes do modo de produção capitalista buscando dar respaldo para compreendermos o consumismo e suas respectivas contribuições para a degradação do meio ambiente.

“A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma imensa coleção de mercadorias individual como sua forma elementar” (Marx, 1983, p.45) Parafraseando Karl Marx na frase inicial de sua obra “O capital” infere-se que a riqueza se institui como um acúmulo de mercadorias, experiência essa que vivenciamos em nosso

cotidiano que se compõe da relação corriqueira de compra e venda das mesmas, mostrando-se como um fenômeno natural, assim é importante perceber e refletir sobre o mesmo a partir da historicização e de componentes teóricos.

Ao se remeter ao capitalismo logo nos vem a idéia da mercadoria, assim podemos caracterizá-la como algo externo ao indivíduo, e que satisfaz as necessidades materiais ou espirituais da humanidade. A utilidade da mercadoria a faz um valor de uso que é gerado a partir do trabalho, ou seja, da transformação da natureza. A sociedade necessita da produção de valores de uso para existir, porém nem tudo que há valor de uso resultante do trabalho humano é mercadoria, Para que se configure como tal se faz necessário atender duas condições: se reproduzir repetidamente e ser produzida para a venda, portanto, a mercadoria sintetiza em si o valor de uso e o valor de troca.

O valor de uma dada mercadoria é determinada pelo tempo socialmente necessário de trabalho disponibilizado na sua produção que é expresso através do dinheiro, espelhando o seu preço, assim o preço reflete o valor, mas não se identifica com ele, vários fatores influenciam nas variações dos preços relativos a um mercadoria. Tendo em vista o que foi colocado é importante enfatizar que um elemento imprescindível a mercadoria, que é o seu fetiche, a sua forma fantasmagórica de ser autônoma, de ter vida própria de nos atrair e de nos dominar. O modo de produção capitalista é dominante em escala mundial, é um sistema planetário, que tem como objetivo maior o lucro, para se compreender esse modo de produção se faz necessário se entender o circuito do capital, que tem como ponto de partida o dinheiro e como ponta de chegada o mais dinheiro, que podemos resumir na fórmula $D-M-D'$.

Desse modo o capitalista com uma quantidade de dinheiro (D), compra mercadorias (M), como máquinas, instalações, matérias brutas e primas e força de trabalho, que atuando sobre as matérias na processo de produção (P), adquire mercadorias (M') que vende por uma soma de dinheiro superior à que investiu (D'), dessa forma, o capitalista sempre está buscando o lucro que é o seu objetivo maior. É interessante enfatizar que a busca incondicional pelo lucro não tem relação com aspectos psicológicos ou moral, trata-se da função social que o capitalista desempenha, assim como o lucro é o impulsionador do capitalismo e assim como o modo de produção capitalista so pode existir

e se gerar na escala em que a caçada ao lucro jamais termina, assim como também é importante deixar de lado a ideologia de empresa cidadã, empresa de responsabilidade social que busca esconder o objetivo meta do capital e todo empreendimento capitalista que são os lucros, que é a sua razão de ser (NETTO e BRAZ, 2008)

Como colocado anteriormente o modo de produção vigente busca incessantemente o lucro, impondo seu padrão de consumo desmedido para conseguir alcançar o seu objetivo meta, a acumulação. Desse modo, vale salientar que a economia está intrinsecamente relacionada aos demais subsistemas e conseqüentemente é dependente da biosfera finita. Assim, a economia apresenta-se como um sistema aberto, onde o crescimento econômico afeta o meio ambiente e vice-versa. Nesse contexto se infere a grande contradição, os desejos e as necessidades dos indivíduos são ilimitados, enquanto dos recursos naturais disponíveis que são limitados, portanto os padrões de produção e de consumo são incompatíveis com a capacidade dos ecossistemas e das reservas existentes de recursos que se recuperarem.

É nesse contexto que a publicidade veio auxiliar o supérfluo a impor-se como necessário, a aparência é determinante na produção de sentidos possuindo mecanismos de controle dos indivíduos, dessa forma não somos nós que usamos o objeto, mas sim o produto fetichizado, que nos imprime valor, nos inserindo nas relações sociais. O sistema cria seu padrão e seus códigos rígidos induzindo a sociedade perceber quem está adequado ao mesmo, usando como método a obsolescência planejada e a obsolescência perceptiva, A primeira cria objetos com tempo de uso curto, produzidos para o lixo e a segunda nos convence a jogar fora objetos úteis, através da ágil mudança temporal da moda, dessa forma, altera-se a aparência dos objetos e todos percebem quem não estar inserido no que há de novo no mercado, qualificando assim o valor do sujeito pelos objetos que o mesmo possui.

Dessa forma, a publicidade e a mídia tem um papel importante nesse processo, através dos anúncios que rotineiramente nos bombardeiam, causando a infelicidade com o que temos, nos mostrando que sempre há algo de errado e assim sugerindo como a solução imediata o diverso paraíso das compras. Portanto, o campo de visão do consumidor se restringe ao momento da troca e a sua satisfação enquanto o processo de

extração, produção e o envio para o lixo fica oculto.

Considerações Finais

O que temos hoje são medidas do tipo paliativas que se engajam a tratar de determinados problemas emergentes, ao invés de existirem medidas radicais, que de fato funcionassem. Dessa forma, um modelo de desenvolvimento sustentável, onde haja a harmonia entre homem e natureza, é impensável em uma sociedade regida pelo capitalismo. Para ele é essencial que exista uma exploração de recursos, uma produção excedente e um grande público consumidor. O capital tem a necessidade de se renovar a cada momento, renovando aquilo que produz o que atrai cada vez mais consumidores. Então, um modelo de desenvolvimento sustentável que pregue uma mudança, uma diminuição do consumo e da utilização de recursos, vai de encontro ao capitalismo, e este, enquanto regente econômico da vida social, não aceitaria tal modelo sustentável. Assim, o que resta diante do capitalismo é propor algumas alternativas que venham a diminuir os efeitos do mesmo.

Em suma, embora o projeto de desenvolvimento sustentável seja uma ótima forma de recuperar aquilo que perdemos, é preciso ter em mente que ele só seria viável em uma sociedade que não se utilizasse das leis do capitalismo. Pois, este necessita manter o ciclo vicioso para se reproduzir e se manter como modo de produção vigente.

Assim, infere-se que no modelo econômico atual as medidas paliativas de amenização das grandes perdas ambientais e sociais sejam cumpridas para minimizar os efeitos perversos causados pelo grande capital, já que o verdadeiro modelo de sustentabilidade só poderia se concretizar a partir da extinção do modo de produção vigente e de suas conseqüentes categorias de reprodução.

Referência

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 27 de abril de 1999.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

BAUMAN, Z. Consuming Life. **Journal of Consumer Culture**, London, v. 1, n. 1, p. 9-29, 2001.

IAMAMOTO, M. V. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas. 2008.

NETO, J. P; BRAZ, M. **Economia Política: uma introdução crítica**. 4ed. São Paulo: Cortez. 2008.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro primeiro, Tomo I. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo, ed: Abril Cultural, 1983.

OLIVEIRA, J. S. e VIEIRA, F. G. D. Produção simbólica e sustentabilidade: discutindo a lógica da salvação da sociedade pela mudança nos modos de consumo. **CADERNO DE ADMINISTRAÇÃO**. v. 16, n.2, p. 35-43, jul/dez. 2008.

PÉREZ, Alejandro Gaona. Necessidades de formação do assistente social no campo ambiental. In: GÓMES, J.A.D, AGUADO, O.V. e PÉREZ, A.G (orgs). **Serviço Social e Meio Ambiente**. São Paulo, Cortez, 2007.